

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

RIBEIRO, Rodrigo de Almeida. Rodrigo de Almeida Ribeiro (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 39min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL e COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Rodrigo de Almeida Ribeiro
(depoimento, 2008)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Levantamento de dados: Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alzira Alves de Abreu; Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 15/12/2008 a 15/12/2008

Duração: 0h 39min

Arquivo digital - áudio: 1; Fita cassete: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto "Capitalismo e tecnologia no Jornalismo contemporâneo: funções sociais e práticas profissionais", desenvolvido pela Profa. Virginia Fonseca, orientada pela Dra. Alzira Alves de Abreu, dentro do plano de atividades do estágio pós-doutoral, realizado no CPDOC, entre março de 2008 e março de 2009. O principal objetivo do trabalho era refletir sobre a identidade do jornalista contemporâneo. A escolha dos entrevistados se justificou pelo cargo de direção na redação da organização jornalística em que atua, circunscrevendo-se, assim, à categoria de elite da profissão. Ele é editor-executivo e editorialista do Jornal do Brasil.

Temas: Atentados de 11 de setembro (USA); Atividade acadêmica; Barack Obama; Ceará; Ciência política; Corrupção e suborno; Crises econômicas; Eleições municipais; Eleições presidenciais; Família; Formação acadêmica; Formação escolar; Formação profissional; Inflação; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Jornal do Brasil; Jornalismo; Luiz Inácio Lula da Silva; Opinião pública; Partido dos Trabalhadores - PT; Pesquisa científica e tecnológica; Política; Pós - graduação; Redemocratização; Rio de Janeiro (cidade); Sucessão municipal; Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Sumário

Entrevista: 15.12.2008

Fita 1-A: Origens familiares; formação escolar; formação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará (1993-1997); trajetória profissional no Ceará; mestrado em Ciência Política na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2003-2005); sua atuação no Jornal do Brasil (2003); doutorado em Ciência Política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) (2005); pesquisador visitante da New School for Social Research de Nova York (2006); escolha da profissão; fatos que marcaram sua geração: redemocratização, inflação, instabilidade internacional, sociedade apolítica, insegurança; e os que marcaram sua profissão: coordenação da cobertura do 11 de setembro, cobertura da eleição do Lula (2002), crise econômica internacional, eleição de Barack Obama (2008), reeleição de Lula (2006), escândalos de corrupção no primeiro mandato de Lula, sucessão municipal do Rio de Janeiro (2008), dengue; rotina de trabalho; descreve as funções que exerce no Jornal do Brasil; atividades acadêmicas; como os fatos viram notícia; longo relato sobre o jornalismo e os jornalistas como formadores de opinião; objetividade e imparcialidade no jornalismo; como sua pesquisa sobre o PT reflete na prática jornalística; necessidade de renovação do jornal impresso frente a outros meios de comunicação; necessidade de maior especialização dos jornalistas.

Entrevista: 15/12/2008

Virginia Fonseca - **Começo essa entrevista perguntando sobre o ano e local do teu nascimento, a formação dos teus pais e sobre a tua formação em Jornalismo.**

Rodrigo Ribeiro - Eu nasci em 1975, em Sobral, Ceará, cidade a 200 Km da capital, Fortaleza, , para onde eu fui com oito anos de idade. Sou filho de um dentista e de uma bancária, hoje ambos aposentados. Minha formação deu-se em Fortaleza, para onde eu fui aos oito anos, lá estudei até o fim. Passei no vestibular aos 17, na Universidade Federal do Ceará, sou formado em Comunicação Social, em Jornalismo, me formei em 1997. Cursei entre 1993 e 1997, na Federal do Ceará. Ainda estudante, fui do jornal *O Povo*, do Ceará, onde percorri várias áreas - primeiro no Suplemento Literário, depois no Diário de Cultura, passei pela editoria de Economia, editor da primeira página, editorialista, editor de política. Na política, foi uma área que acabei me apaixonando e me levou em 2002, na época eu era editor de política, a fazer uma seleção para o mestrado aqui no Rio, no IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) da Federal do Rio [UFRJ], passei e em 2003 eu vim para cá. Lá, pedi demissão, saí em comum acordo, peguei a minha poupança e vim voltado exclusivamente para os estudos do mestrado em Ciência Política. Vim certo de que passaria um ano mais ou menos, um ano e meio, intencionando na verdade ficar, mas sabia que se não acontecesse nada nesse período o dinheiro acabaria e eu retornaria para o Ceará. No fim do primeiro ano, eu consegui emprego aqui no JB e acabei ficando. Terminei o mestrado no início de 2005. Num período do mestrado, convivi com a redação. Em 2005 mesmo eu iniciei o doutorado também em Ciência Política no IUPERJ [Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro], que é um dos centros de referência em ciência política do país. Lá eu ainda faço o doutorado, devo terminar agora em 2009, com um pouco mais de dificuldade porque foi todo ele conciliado com a redação do jornal. Houve um período, no entanto, no segundo semestre de 2006, que eu ganhei uma bolsa para ser pesquisador visitante da New School for Social Research de Nova York e lá passei sete meses. Embora vinculado ao jornal, continuei escrevendo editoriais (na época que eu estava aqui no jornal eu era editor de Opinião, editorialista e editor do caderno Idéia). Quando eu fui para Nova York, continuei sendo editorialista, escrevendo os editoriais do jornal de lá. Voltei, saí daqui do jornal em 2007, para assessoria de imprensa, e voltei um ano depois, desta vez como editor executivo. Então, minha formação é essa – jornalismo com pós-graduação em Ciência Política.

V.F. – Por que escolheste Jornalismo?

R.R. – Foi um pouco ao acaso. Na verdade, até quase a antevéspera do vestibular, eu intencionava fazer informática. Gostava muito, sempre gostei muito de computador, embora detestasse física e matemática. Um certo dia meu irmão me chamou a atenção. “Poxa, você tem pouco a ver com essa área. Na verdade, gosta muito de literatura, muito de História, gosta muito de Língua Portuguesa, por que você não faz Jornalismo?”. Fiquei com aquilo na cabeça, uma semana depois decidi mudar. Eu me inscrevi em dois vestibulares – na Universidade Federal, em Jornalismo, e na Universidade Estadual do Ceará, Computação. Só que a prova foi primeiro na federal e antes mesmo de sair o resultado eu decidi: não, eu tenho de fazer Jornalismo mesmo, e nem cheguei a ir fazer a prova de informática. Então, foi mais

por isso, por alguém ter me chamado a atenção de que eu estava muito mais próximo da literatura, da língua portuguesa e da história, que são temas muito mais próximos do jornalismo do que certamente a informática, foi porque tentei e fiz jornalismo.

V.F. – Sobre teu histórico profissional, já fizeste uma síntese. Então podemos passar para a pergunta seguinte. Que fatos, que acontecimentos marcam no Brasil e no mundo a tua geração?

R.R. – A minha geração, ainda bastante jovem, eu acho que a redemocratização, sem dúvida. Como consciência política, ela não conviveu com a ditadura, com o regime militar, embora formalmente se considere a redemocratização já em 1985/1986. Na primeira eleição direta, em 1989, eu tinha 14 anos de idade. É um momento em que você começa a despertar a sua consciência política, ou consciência de sociedade. Esse seria um primeiro fato. Um segundo fato é a estabilidade da moeda. Eu ainda convivi um pouco com a inflação, com o período inflacionário, sobretudo ainda jovem, criança, um pouco da adolescência, convivi com a inflação. Então eu acho que a minha [geração] é um elo entre o período de inflação e o período de não-inflação. A minha, talvez tenha sido a última geração a perceber a diferença entre um tempo e outro. A geração seguinte já não sabe mais o que é. Do ponto de vista internacional, sem dúvida, é a geração do 11 de setembro, do terrorismo, de um ambiente de instabilidade internacional... eu acredito que sim. E o que vale, para nacional e questões internacionais, é a questão do desencanto. Minha geração é um pouco marcada por isso. Talvez eu seja influenciado pelos meus próprios estudos em ciência política. Na defesa do mestrado, a minha dissertação era sobre o PT e a felicidade. Tinha o slogan “Sem medo de ser feliz”, marcou várias campanhas presidenciais do Lula, e isso foi uma coisa que um professor da banca sublinhou: que a minha dissertação, mais do que um estudo sobre o PT, sobre política, sobre felicidade, era um relato, meio que um depoimento de um desencanto de geração. Então eu acho que esse desencanto foi um pouco marcante, assim, uma crítica não necessariamente minha, mas uma negação de uma geração apolítica.

V.F. – Um desencanto com ideologias, visões de mundo...?

R.R. – Exatamente, de crença na capacidade transformadora da política e dos políticos. São coisas que eu descordo um pouquinho, mas que não vem ao caso. Mas como geração eu acho que se encontra bastante. E também a questão do medo. O medo físico, de segurança mesmo. Vivi em duas cidades – Fortaleza e Rio – com problemas de segurança de natureza distinta, mas em ambas há sociedades, em toda comunidade local, enfim, com graves problemas em relação a isso, de insegurança, de sensação de perda de controle, ou de instabilidade. Essas são, em princípio, pensando alto aqui, ...

V.F. – Tu te formaste em jornalismo em 1997, portanto num período já de pleno desenvolvimento da internet. Especificamente em relação à produção jornalística, quais os acontecimentos mais marcantes desde que tu começaste a trabalhar até aqui?

R.R. – Em termos da produção com a qual convivi e tive de lidar? Certamente, primeiro, veio logo depois, foi um período de grande crise da economia brasileira, que foi de 1998 para

1999, com a desvalorização do Real (...). Esse foi um dado importante. O 11 de setembro, lá no jornal O Povo, onde eu trabalhava...

V.F. – A cobertura do 11 de setembro?

R.R. – A da crise cambial de 1999 eu nem participei. Na época eu estava saindo de editor do caderno de cultura e ia passar para a primeira página. Mas o 11 de setembro eu participei. Na época, eu era editor executivo. Lá eram divididos em núcleos e eu era responsável por um núcleo que abrangia noticiário de política, de País e de Mundo. Então coordenei lá a cobertura do 11 de setembro. Claro, com agência, mas repercussão nossa pela equipe própria. Disso eu participei ativamente no jornal. No ano seguinte, a eleição do Lula [em 2002], para mim, eu acho, foi um momento marcante. Eu era editor de política e cobri. E agora, esse período mais recente, da crise econômica, a crise financeira internacional, a eleição do Obama, a própria reeleição do Lula, o segundo mandato do Lula, que foi um mandato melhor do que o primeiro. Um pouquinho antes as crises dos, entre aspas, escândalos de corrupção do governo, no primeiro mandato, também foram fatos muito rumorosos. E aqui do JB, mais recentemente, além da crise internacional e da eleição do Obama, coberturas que nos deram bastante trabalho: a sucessão municipal no Rio, que foi uma das mais disputadas da história do Rio, problema de dengue, também foram coberturas intensas do jornal.

V.F. – Como editor executivo, me descreve a tua rotina de trabalho.

R.R. – Minha rotina é abrir e fechar o jornal, junto com o Tales Faria, que é o editor chefe. Portanto, eu chego aqui às 10h da manhã, antes da reunião de pauta e saio às 10h30min da noite, depois do fechamento da primeira edição da primeira página. Participo da reunião de pauta, em que nós definimos os rumos da edição do dia, defino os editoriais do jornal, às vezes escrevo; se não escrevo, reescrevo, quando algum dos redatores escreve, eu geralmente reescrevo. Eu coordeno as edições de domingo, dentre as responsabilidades dos editores executivos, além de alguns projetos especiais. Por exemplo, o caderno de retrospectiva deste ano eu estou coordenando, o caderno especial dos 50 anos da revolução cubana eu estou coordenando, além de acompanhar o andamento das pautas da edição do dia.

V.F. – Isso dá uma jornada de trabalho de mais ou menos quantas horas?

R.R. – Se considerar o período em que estou aqui no jornal dá uma carga horária de 12 horas e um pouquinho. Se considerar que em casa eu já estou lendo o jornal, o que faz parte da minha rotina de trabalho, isso é trabalho, dá um pouco mais do que isso. Embora a minha rotina não se resume profissionalmente ao jornal. Eu tenho uma rotina acadêmica e uma rotina também de produção de livros paralela. Isso também me toma bastante tempo. Ontem mesmo eu passei o domingo em casa escrevendo o capítulo de um livro, o artigo para um livro organizado pelo João Paulo dos Reis Velloso. São atividades que vão surgindo, demandas que vão surgindo e exigindo um pouco mais de tempo, mais tempo do que você dedica, além de participação em conferências...

V.F. – Na tua avaliação, o que é um acontecimento jornalístico, ou seja, o que é que faz com que um determinado assunto saia da vala comum dos acontecimentos sem importância e se transforme em notícia?

R.R. – De imediato, eu lhe diria o seguinte. Ele se transforma em notícia porque nós, jornalistas, decidimos que é notícia. Há vários outros fatos, vários outros acontecimentos que não noticiamos, que deveriam ou poderiam ser notícia e não são. Somos editores justamente porque temos a missão de editar o que ocorre no dia e selecionar o que cabe ao leitor tomar conhecimento. Nossas prioridades são sempre em torno daquilo que imaginamos que interessará à maior quantidade de leitores. É óbvio que tem uma dose tremenda de subjetividade aí, porque não dá para você ter uma pesquisa diária para dizer “isso aqui interessa mais ao leitor”. Temos uma idéia, vaga ou não, mas temos uma idéia daquilo que poderá interessar ao leitor. Claro que você tem notícias e notícias, fatos e fatos, acontecimentos e acontecimentos. O que é que eu quero dizer com isso? Você tem as notícias que são do dia e são inevitáveis, e aquilo ali entra quase no automático. Um anúncio de uma medida do Banco Central para conter os efeitos..., ou do Ministério da Fazenda, para conter os efeitos de uma eventual contaminação da crise internacional no Brasil, aquilo vai, inevitavelmente, estar na edição do dia seguinte. Mas você tem reportagens que podem não estar na ordem do dia, e que você escolhe justamente por isso: que é um fato incomum, uma descoberta de alguém ou uma grande história, uma boa história de um personagem, de uma vida, de um cidadão, um acontecimento inusitado – e você imagina que aquilo vai despertar o interesse do leitor e você seleciona e põe aquilo no jornal no dia seguinte.

V.F. – E na tua avaliação, qual é o papel do Jornalismo e jornalista na sociedade hoje?

R.R. – O jornalismo tem uma característica singular. Em geral, em geral não, basicamente são publicações dirigidas pelo capital privado, por um empresário ou por um grupo empresarial, mas com uma conotação pública. Você presta um serviço público, voltado para um público vasto. Tem uma premissa de que aquilo que você vai noticiar, você tem interesse público, você tem um efeito, uma causa pública. Ou temos uma auto-referência de achar que somos, temos um poder transformador muito grande, e que, portanto, podemos moldar governos e sociedade ao nosso interesse, interesse no bom sentido, aquele que imaginamos que é importante. Então, tem um movimento pendular entre essas, uma sobrevisão nesse sentido, e, por outro lado, de não nos darmos conta do poder que temos como ator. Eu acho que nossa missão, em tese, a missão do jornalista e do jornalismo, porque trata de questões de interesse público, a missão deveria ser ajudar a contribuir para se fazer um mundo melhor, uma sociedade melhor, uma cidade melhor, um setor melhor. Melhorar deveria ser ou pela via da denúncia ou pela via de trazer à tona algo que não está inteiramente revelado pela sociedade. Por outro lado, se você simplesmente entreter, ajuda a transformar positivamente. Idealmente, eu consideraria talvez a missão mais importante, e que é extensiva ao fato aparentemente simples que é informar.

V.F. – Tu achas que o jornalismo tem essa capacidade de formar uma agenda pública e, conseqüentemente, contribuir para a formação de uma opinião pública?

R.R. – Acho. Embora você tenha dados hoje de dissociação cada vez maior entre aquilo que os jornais publicam, da forma como os jornais publicam e opinam, do pensamento da sociedade. Têm vários exemplos recentes. Eu citaria, por exemplo, para ficar no campo político, do qual sou mais próximo, o que os jornais dizem do governo Lula, ou a maioria dos jornais, a maioria das revistas diz do governo Lula, e aquilo que a população avalia do

governo Lula. Hoje, por exemplo, foi um dia que saiu pesquisa CNT-Sensus, que aponta 70% de aprovação do governo, confirmando um dado do Instituto Datafolha poucos dias atrás. Se você observa os jornais, e boa parte dos columnistas, sobretudo os columnistas econômicos e políticos, você parece ver dois governos.

V.F. – Mas a população não lê jornais na quantidade suficiente...

R.R. – Mas o que dizem os estudos de opinião pública é que se tem uma onda que vai se multiplicando. Uma pequena parcela lê jornal, mas aquela pequena parcela vai irradiando aquele pensamento e assim vai se formando o que se considera opinião pública. O que eu acho é que hoje, se houve mais ou se houve menos, talvez eu não saiba analisar historicamente a maior influência dos jornais, me parece que sim. Mas se você analisar um caso específico sobre isso, de como nesse caso específico há uma dissociação, talvez uma perda de influência, uma quantidade menor de pessoas tenha lido jornal. Mas eu acho que a imprensa, sim, tem capacidade, tem força para moldar, ainda mais num ambiente hoje político e econômico como você tem, que é muito baseado em geração de expectativas. Então, você maquinando aquilo o tempo inteiro, como por exemplo, se falar da crise, você o tempo inteiro falando que a crise vem, que a crise vem, vai ser grave, vai ser dura para o País, as expectativas que se criam sobre a chegada dessa crise acabam se confirmando, porque você cria um ambiente de pessimismo. Eu acho que isso em boa parte é motivado por uma agenda em que a imprensa tem a sua parcela de responsabilidade e de força. Então, eu vejo, sim, com alguma força de formação de opinião.

V.F. – O grupo social formado pelos jornalistas tem alguns valores, compartilham alguns valores, como objetividade e outros. Na tua opinião, quais são os valores dominantes hoje na profissão?

R.R. – Você falou em objetividade e eu acho que hoje é uma das menos, um dos valores menores, menos relevantes ou menos comum entre os jornalistas. Eu estou noticiando alguma coisa, vou tentar ser objetivo, descrever simplesmente, justamente como um contrabalanço à internet, à agilidade, à velocidade e à informação muito grande, os jornais querem, o máximo possível, se distanciar, se diferenciar em relação ao que a internet ou os canais a cabo já deram no dia anterior. Isso, naturalmente, você tem uma perda aí de objetividade, que já era um pouco uma ação complexa. Do mesmo modo, a imparcialidade. O próprio ato de selecionar o que vai ser notícia já reduz o peso da parcialidade ou da objetividade. O critério que a gente faz para definir o que é uma manchete, o que é uma sub-manchete ou aquilo que não deve ser notícia, você já tem uma perda dessa objetividade, uma perda da imparcialidade. Em termos de valores, eu lhe juro, em termos de valores comuns a serem compartilhados pelos jornalistas, eu não saberia dizer com precisão. Eu tenho uma vaga idéia do que pode ser. Talvez de impacto sobre o leitor, a crença de que você pode prestar algum serviço a uma comunidade, ou que você pode traduzir o pensamento de uma comunidade, para falar do Jornal do Brasil. Nós estamos o tempo todo exercitando a tradução daquilo que imaginamos que é prioritariamente o nosso leitor – o leitor carioca da Zona Sul. Boa parte daqui é formada por pessoas que moram na Zona Sul, ou que circulam pela Zona Sul. Então nós estamos o tempo todo tentando traduzir que a Zona Sul pensa, embora às vezes nos voltamos contra ela.

V.F. – Não é uma contradição que valores como objetividade, imparcialidade, neutralidade estejam em queda, ou em descrédito na comunidade formada pelos jornalistas e que, ao mesmo tempo, os jornalistas procurem obter legitimidade junto à sociedade exatamente por esses mesmos valores, essas mesmas crenças, ou que tentem fazer crer à sociedade que são objetivos e imparciais?

R.R. – Eu acho que tenta fazer crer, acho que tenta fazer crer, e eu nem sei se hoje ele já tenta essa legitimidade pela via da imparcialidade. Eu acho que a nossa imparcialidade é uma imparcialidade falsa. É muito simples, assim, quer dizer, não é simples assim. Há exemplos que são rudimentares. Por exemplo: você vai fazer uma matéria econômica, analisar uma decisão do Banco Central sobre taxa de juro, por exemplo, você pode dizer “escolhi cinco fontes diferentes, então tentei de ser o mais imparcial possível, mais neutro, mais objetivo possível”. Só que você pode escolher esses cinco que pendam para um lado, que tenham uma visão de mundo, trabalhos acadêmicos que têm um foco liberal, por exemplo, ou anti-liberal. Aqui, para falar em economia, há escolas, mais voltadas para um campo, mais voltadas para o outro. Você tem a velha escola da PUC do Rio de Janeiro, ou da UFRJ, ou da Unicamp. Eu posso escolher só acadêmicos da UFRJ e da Unicamp, enfim...e por aí vai. E, em tese, você tem ali cinco pessoas, o máximo de gente possível, e estão todas pendendo para um lado. A internet vai complicar também um pouco isso. Eu nem sei hoje mais se a gente, se nós jornalistas, estamos buscando essa legitimidade por essa via. Eu acho que a busca de legitimidade talvez seja por outro caminho, talvez até pelo inverso. A busca de afirmação por um tipo de linha editorial diferenciada, uma linha interpretativa, uma linha mais opinativa que as publicações começam a ter. Cada vez mais manchetes editorializadas, por exemplo.

V.F. – Deixando sempre claro para o leitor que se trata de uma interpretação?

R.R. – De uma interpretação da redação. Pode se confundir com a própria opinião do jornal ou não. Às vezes há dissociação, sim, entre redação e direção do jornal. A redação vai por um caminho e, no dia seguinte, a direção do jornal diz “opa, não era bem isso”. Não é uma coisa negociada como, às vezes, gente de fora imagina – que a cada vez que você vai escolher a manchete, você liga para o dono do jornal e diz “estamos com essa manchete” e ele fica maquinando que caminho vai dirigir à sua interpretação. Mas cada vez mais eu acho que a verdade é o inverso da imparcialidade ou da objetividade. É mais pela afirmação do conteúdo, de uma visão de mundo, de uma interpretação de mundo. Daí porque não vejo essa contradição.

V.F. – Pessoalmente, tu tens algum tipo de filiação ou simpatia ideológica ou partidária?

R.R. – Não, quer dizer, tenho. Eu tenho uma aproximação acadêmica, eu estudei PT. O PT como partido tem erros gravíssimos, como tem méritos elevadíssimos, como o PSDB tem erros gravíssimos e méritos elevadíssimos. Como aproximação acadêmica, em que aí inevitavelmente sou humano, você leva um pouco para o jornalismo. As personagens não se dissociam dessa forma. Então eu tenho uma aproximação acadêmica, um interesse acadêmico de estudo e de interpretação mais próximo do PT, mas procuro evitar que isso interfira na minha análise do que é notícia do que não é notícia. No momento em que estou olhando um caso, como na semana passada, em que um personagem ligado ao escândalo do mensalão foi

pego [inaudível], nós demos chamada na primeira página, demos uma matéria que era um alto de página. Então isso, definitivamente, não interfere no sentido de vai cercar isso ou aquilo. Evidentemente, se do ponto de vista ideológico eu me considero um jornalista ou um cientista político mais à esquerda, isso vai interferir na minha compreensão daquilo que é notícia, de como interpretar as notícias. Eu acho que todos os jornalistas têm, e é ilusório você dizer que você é apertado, não ideológico. Claro, há alguns jornalistas que são iconoclastas por natureza e ..., mas até mesmo a iconoclastia, essa negação da ideologia ou qualquer outra natureza nesse campo vai significar uma ideologia própria que vai interferir também na sua atividade jornalística, isso é fato.

V.F. – Há algum assunto que não tenha sido tratado nessa nossa discussão que tu gostarias de acrescentar por não ter sido contemplado nas perguntas que formulei?

R.R. – Hoje é difícil – sua pesquisa é sobre a identidade do jornalista. A atividade jornalística hoje é muito complicada, muito complexa. Nós aqui tocamos na questão da interferência da internet, da TV a cabo, da velocidade das notícias, e não só mais hoje TV a cabo. Estava escrevendo outro dia sobre isso. Se compete com a tela de plasma que está dentro do elevador, com a notícia que chega no celular. Isso torna a feitura do jornal uma tarefa muito mais complicada. Claro que, 30 anos atrás, você devia ter outras complexidades, a própria dificuldade de obtenção de informação. Hoje você tem uma facilidade maior, mas torna muito difícil você selecionar. Daí porque eu acho que parte dos jornais está em crise conceitual. O que é notícia amanhã? É o Banco Central baixou os juros? Você leu isso ontem na internet. Ou o governo anunciou um pacote de medidas, quando você também leu isso na internet? Então, fazer jornal hoje nós estamos afinando o passo. Está realmente num [inaudível] assim de ... vai dar em algum lugar, você ainda não achou.

V.F. – Está num momento de redefinição?

R.R. – Tem um processo de virada, de mudança, que você está se redefinindo, não sabe bem como é essa nova definição. Claro que eu não concordo com a *The Economist*, que deu uma capa em fins de 2006 ou 2007 dizendo que o jornal está morto, quem matou o jornal? Não acredito nisso, na morte do jornal impresso, eu acho que ele vai se renovar sempre. Como ele está num momento de virada, de impasse, de definição, é uma coisa que torna a feitura do jornal um processo muito inquietante.

V.F. – Rupert Murdoch¹ disse recentemente que caberá aos jornais se tornarem cada vez mais e mais analíticos, justamente para se distinguirem dos veículos mais instantâneos. Tu achas que no Brasil os jornais já estão buscando esse caminho da análise? E como ficaria a questão do financiamento dos jornais analíticos e possivelmente para um público menor?

R.R. – Certamente será para um público menor. Hoje nós não competimos só mais com O Globo, para falar no campo local, do Rio, nós competimos com todos os espaços, todas as

¹ Rupert Murdoch é acionista majoritário e executivo-chefe da *News Corporation*, um dos maiores conglomerados de mídia do mundo. A declaração foi feita em uma palestra dada no mês de novembro de 2008 para uma série da rádio australiana ABC, chamada "Uma Era Dourada para a Liberdade". Fonte: Folha de São Paulo, 10 de dezembro de 2008.

plataformas de difusão de informação que se têm hoje. E mesmo de interpretação, porque eu mesmo não tenho muita certeza – o jornal vai, de fato, caminhar para uma linha mais analítica, mais interpretativa, ou reportagens sobre coisas mais curiosas ou histórias interessantes que você ofereça ao leitor e torne o jornal uma coisa agradável e necessária de ler. Certamente para um público menor, mas mesmo essa parte da interpretação e da análise você encontra na internet, a proliferação de blogs já é uma tendência nesse sentido.

V.F. – E sem limite de espaço.

R.R. – Sem limite de espaço, como nós temos. É um produto mais barato. No entanto, do ponto de vista do negócio, a internet não se mostrou ainda algo razoável, não existe ainda um modelo de negócio factível que faça uma companhia de notícias na internet dar lucro. Poucas são como o UOL, por exemplo, mas que ao mesmo tempo absorve o nome e a credibilidade de produtos ou de veículos que nasceram e se sedimentaram no impresso. A internet, de certa maneira, canibaliza o impresso, mas se utiliza da força do impresso para poder crescer. Eu não sei muito bem onde vai dar, lhe juro, não sei. Vejo vários jornalistas com muitas certezas, não sei se pela minha juventude ou não, mas enfim, eu não tenho certeza nenhuma. Nós vamos tateando, vamos testando, de fato eu acho que há uma tendência. Hoje o JB se dedica muito a pensar alternativas a esse modelo, dentro de uma linha mais opinativa, mais interpretativa, mais analítica, que é uma forma de se diferenciar das outras plataformas de difusão de conteúdo, de informação. Mas é um modelo difícil de achar, você não tem fôlego para isso também, você não tem equipe suficiente para isso – um jornal inteiramente analítico -, nem sei se o leitor quer uma coisa inteiramente analítica também, então eu acho que estamos todos testando: dos mais fortes, os maiores grupos, aos menores, estão todos testando, mas certamente todos estão preocupados com isso. Agora, se você pensar que o maior jornal do mundo hoje, o The New York Times, está inteiramente dedicado a isso, a fazer um jornal muito mais analítico do que informativo, então isso vai dar em algum lugar. O The New York Times está em crise, hipotecou a sua sede, então o que você vai fazer. Você tem The New York Times ou Wall Street Journal, que são fortíssimos na internet, com uma quantidade imensa de acessos, mas não ganham dinheiro na internet. Então, tem um monte de coisas acontecendo que torna sem dúvida nossa atividade muito mais difícil, muito mais complexa. A preparação do jornalista hoje vai mudar também, vai mudar radicalmente, porque vai exigir um maior preparo que boa parte dos jornalistas não tem, seja por deficiências de graduação, seja por deficiência própria, têm muitos aqui que não lêem um livro por mês, na média, que não escrevem com o dicionário na mão, por exemplo... Você vai ter que modificar isso. Você vai ter que ter um texto refinadíssimo, não erudito, mas um texto muito gostoso, um texto muito bom... Então para a vida do jornalista hoje eu acho complicado.

[FIM DE DEPOIMENTO]